

*«Tomoko Uemura, nascida em 1956,
foi atingida pelo mercúrio no ventre
de sua mãe, aparentemente saudável.
Ninguém sabe se tem consciência do ambiente
que a rodeia ou não, mas haverá
sempre quem se preocupe com ela;
nunca será negligenciada!»*

MINAMATA – retrato de uma tragédia

PAUL THEROUX

SABEMOS há muito tempo que a indústria destrói nosso ambiente com terríveis venenos, que as máquinas deste século são tão ensurdecedoras que não conseguimos sequer ouvir nossa agonia enquanto morremos sufocados pelos gases que delas emanam. Raramente, porém, esses fatos foram tão tristemente recordados como em Minamata, pequeno município no Sul do Japão, onde, durante um trágico período de 20 anos, milhares de japoneses têm sido vítimas de envenenamento pelo metilmercúrio, o que

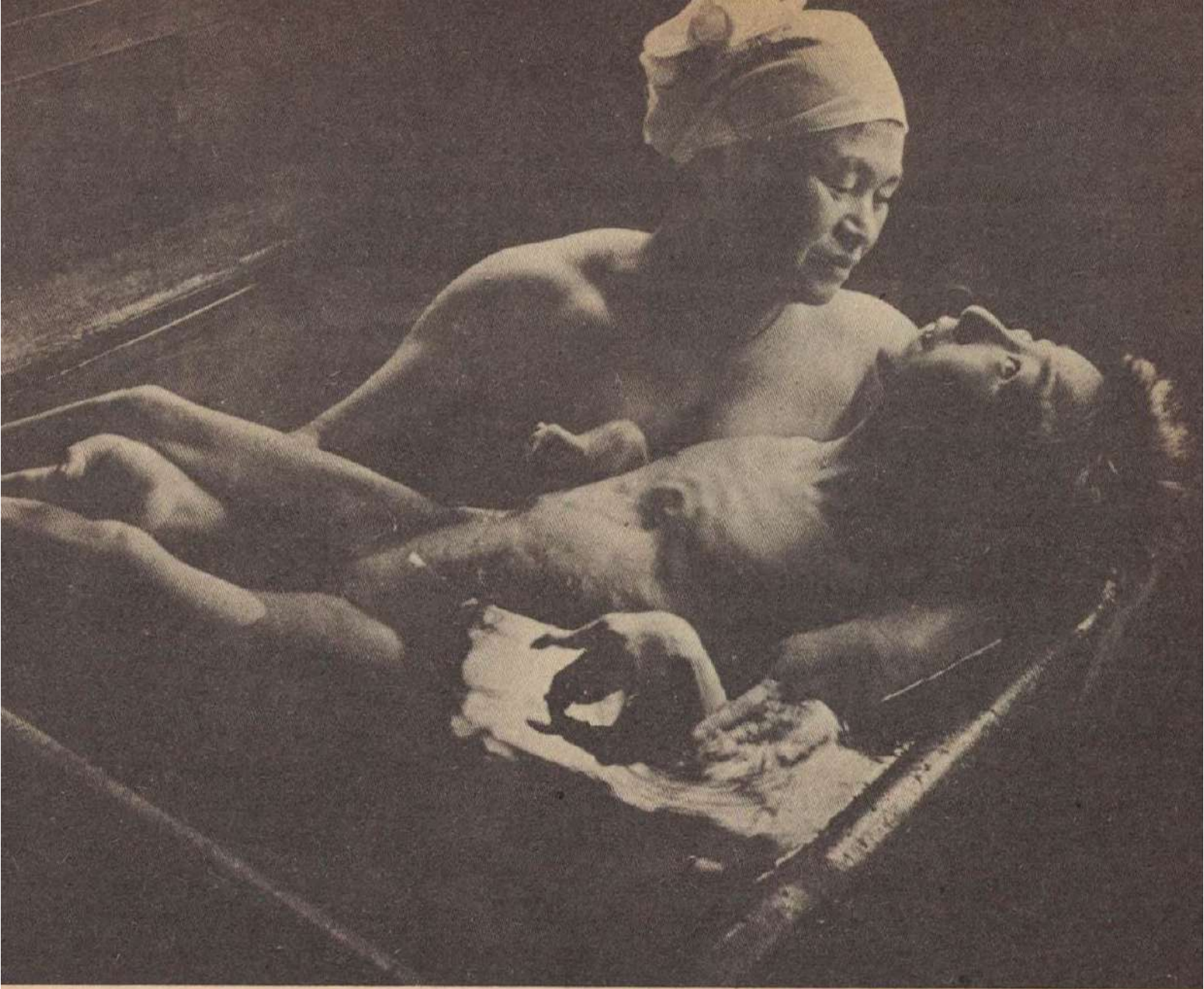
hoje é conhecido como doença de Minamata. Os mais felizes morreram há muito; os outros ainda sobrevivem, aleijados, inclusive jovens que nasceram com lesões cerebrais e membros deformados. *

Tudo começou de forma bastante estranha, em princípios da década de 1950, com fatos que se assemelhavam às pragas do Antigo Testamento: os peixes boiavam na superfície do mar; me-

★ Já foram comprovados cerca de 900 casos de envenenamento, e há milhares de outras vítimas aguardando testes.

CONDENSADO DE UM ARTIGO DE «NEW YORK TIMES BOOK REVIEW» (DE 8 DE JUNHO DE 1975).
FOTOS DE W. EUGENE SMITH E AILEEN M. SMITH





xilhões e outros mariscos mortos vinham dar à praia em grandes quantidades. Os gatos contraíam uma estranha doença convulsiva; vacilando, entravam no mar como suicidas e afogavam-se. Em algumas aldeias do litoral, os gatos praticamente desapareceram. As pessoas foram igualmente afetadas, mas as suas doenças eram diagnosticadas como encefalite, sífilis, alcoolismo e outras parecidas. Finalmente, o Dr. Hajime Hosokawa, examinando vítimas, constatou envenenamento por mercúrio. Em julho de 1956, um co-

mitê cívico organizado por ele publicou um relatório denunciando «um tipo de envenenamento por metal pesado causado pela ingestão de peixe e marisco da baía de Minamata».

Isso era apenas o início da tragédia, registrada por W. Eugene Smith, fotógrafo mundialmente famoso, e sua mulher, Aileen, no livro *Minamata*,* que é um do-

* *Minamata* – Texto e fotografias de W. Eugene Smith e Aileen M. Smith. Coleção Alskvg – Sensorium. Edição de Holt, Rinehart & Winston, Nova York, 1975.

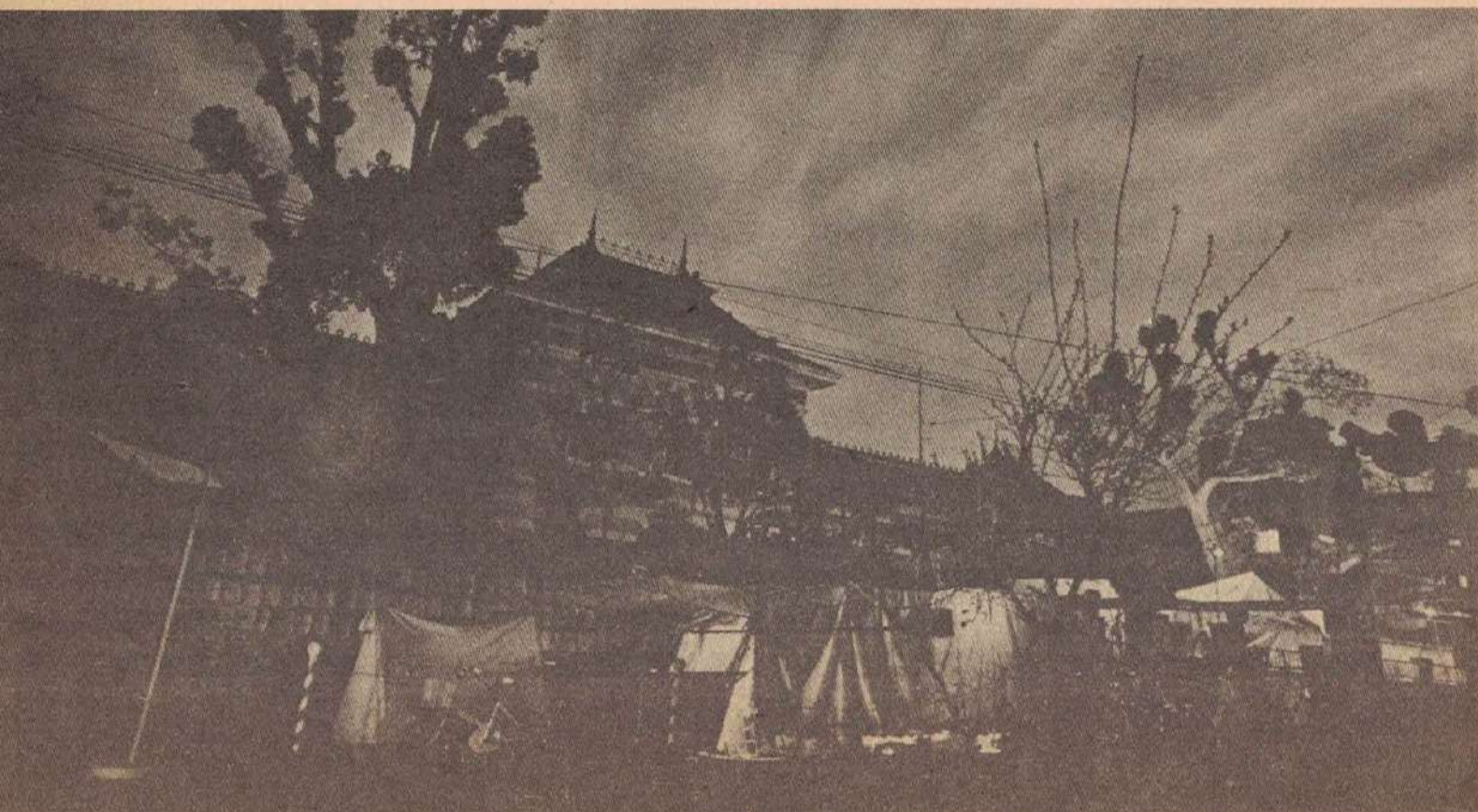


Vítimas e manifestantes nos portões da fábrica Chisso insistiam repetidamente em estabelecer negociações com os diretores

cumento humano e profundamente tocante, cujas fotos, de espantoso realismo, são comoventes. Numa delas, pálida imagem de uma Pietà, uma mulher lava o corpo nu e deformado da filha. A menina, de mãos enclavinhas e olhos fitos no nada, nascera surda, muda e fisicamente incapacitada pela doença.

Toda a história de Minamata é triste e absurda. As sujas tentativas para esconder e enganar já são conhecidas, e as vergonhosas atitudes tomadas já se tornaram lugar-comum. Era uma fábrica da Chisso Corporation que lançava resíduos tóxicos na baía de Mina-

O Tribunal de Kumamoto na véspera do veredicto. «Multidões. Muita gente tinha montado acampamento ali durante a noite toda.»





Finalmente, face a face. «A sentença beneficiou apenas os primeiros queixosos, mas o problema da indenização a novas vítimas ficou sem solução.

Cada parte teria de procurar honestidade, moderação e mesmo clemência da outra parte, para que todos pudessem superar a crise.»

mata. A empresa, porém, mostrava-se intransigente. Durante anos, fugiu à responsabilidade legal daquilo que Eugene Smith apropriadamente chama de «genocídio industrial». (O prefeito de Minamata anunciava em 1973, que «o que é bom para a Chisso é bom para Minamata».)

Smith, considerado pioneiro da técnica de reportagem fotográfica denunciadora, e sua esposa, Aileen, que fala japonês, passaram mais de três anos em Minamata elaborando seu livro. Fizeram amizade com as vítimas e entrevistaram executivos da empresa; assistiram a julgamentos e tomaram parte em manifestações; investigaram o desenrolar da campanha popular e o



Um assessor limpa o suor da testa de Shimada, presidente da Chisso, durante as negociações

juízo do processo de indenizações (a empresa havia pago subsídios mínimos de «consolação», sem aceitar nenhuma responsabilidade pelos danos); percorreram o Japão de ponta a ponta recolhendo fatos. Em janeiro de 1972, numa reunião na fábrica Chisso, em Goi, Smith foi atacado por empregados da empresa que tentavam intimidar os reclamantes; quebraram-lhe várias vértebras e deixaram-no quase cego. O incidente, largamente divulgado, concentrou as atenções dos japoneses sobre o envenenamento de compatriotas e sua famílias.

Há muito se sabia que a Chisso Corporation era responsável pela perigosa poluição; de fato, já em 1925, a empresa pagou uma pequena indenização aos pescadores locais como compensação por ter estragado seus pesqueiros. Mais tarde, em 1959, um grupo de cientistas da Universidade de Kumamoto publicou um relatório associando definitivamente a doença de Minamata ao metilmercúrio dos resíduos industriais lançados pela Chisso na baía. Em novembro do mesmo ano, essa fábrica foi invadida por três mil filiados do sindicato dos pescadores, furiosos, que viam ameaçados seu ganha-pão e, inclusive, suas próprias vidas. A companhia assinou um contrato que estipulava modesta indenização.

O assunto podia ter ficado por aí se as vítimas de envenenamento por mercúrio, em Niigata (a al-

guma distância, na costa ocidental de Honshu), não tivessem ganho a causa contra outra firma, a Showa Denko Chemical Company. Isso ocorreu em 1971 e estimulou as vítimas de Minamata a pleitearem com mais veemência da Chisso um acordo justo. Os habitantes de Minamata dividiram-se em várias facções – uma a favor da indenização imediata e outra (orientada por um enérgico orador chamado Teruo Kawamoto) insistia numa confrontação pessoal com a direção da Chisso. Uma das extraordinárias fotos do livro de Smith mostra o combativo Kawamoto, que é uma das vítimas, sentado de pernas cruzadas sobre uma mesa, a menos de um metro do presidente da Chisso, que tenta explicar-se. A fotografia foi tirada em março de 1973, dias depois de o tribunal ter proferido o veredicto: «A ré não pode eximir-se à responsabilidade por negligência.» Os queixosos mais gravemente atingidos pela doença de Minamata e as famílias dos mortos receberiam 60 mil dólares (53.333 dólares nos casos menos graves); e todos os doentes, uma pensão mensal média de 233 dólares. Depois, na sede da Chisso, em Tóquio, o grupo de Kawamoto pedia idêntica indenização da companhia.

Os executivos mostraram-se extremamente relutantes. «Somamos o que vocês pediram. Não podemos dar mais indenizações», alegou Shimada, o presidente da empresa.



FOTO DE W. EUGENE SMITH

Subitamente, depois de horas de negociações, um participante do grupo (Kimito Iwamoto, paciente examinado havia pouco tempo) perdeu o controle. «Não posso suportar isto por mais tempo! Sem dinheiro, não posso viver!» Ao dizer isto, quebrou um pesado cinzeiro de vidro em cima da mesa. Estilhaços atingiram-lhe um pulso fazendo-o sangrar abundantemente. Iwamoto teve que ser levado ao hospital. Enquanto isso, o incidente tinha produzido seus efeitos. Em meio à gritaria, podia ouvir-se a voz do presidente da companhia, quase em estado de choque, dizendo: «Sim, sim, pagaremos.»

Então, depois de toda essa agitação, das manifestações e do acampamento montado defronte da porta dos escritórios em Tóquio, o assunto foi resolvido. Todas as vítimas seriam indenizadas. O dinheiro não substituíra as vidas perdidas ou arruinadas, mas era por ele que as vítimas tinham lutado. Assim, desde outubro de 1975, a Chisso pagou mais de 70 milhões de dólares por seu crime no mar de Shiranui. ★

«Historiadores deverão encontrar em Minamata raízes de uma nova revolução industrial. Foi dali que emergiu a constatação de que a indústria não tem qualquer direito sagrado de poluir em nome do produto nacional bruto. Eles poderão se ver na contingência de ter de recorrer a uma espécie de coragem íntima para salvar nossos filhos da pilhagem que se iniciou com a primeira revolução industrial. Isso seria uma vitória.»

(Além disso, uma recente lei japonesa exige que as empresas responsáveis não apenas paguem os prejuízos da poluição que provocaram, mas que lhe ponha fim.)

A história não termina aqui. Os Smiths relatam também os efeitos deste afluxo de dinheiro a um local que se tornara triste e apático, como se sua alma tivesse sido arrancada. Onde outrora havia apenas barracas de pescadores, novas moradias surgiram em profusão. Apesar disso, mesmo a nova prosperidade material não trouxe mais felicidade.

Aileen Smith, que é meio japonesa, apresenta um comovente re-

trato de Shinobu, uma japonesinha vítima da doença de Minamata, que recorda ter ficado olhando o mar em companhia da mãe: «Estávamos longe uma da outra, observando o pôr-do-sol. Demorou meia hora. O mar. Estava tão... de certo modo, maravilhoso. Eu pensava: 'Minha doença... não tem cura. Por que aconteceu uma coisa terrível destas, sendo o mar assim tão belo?'»

Eugene e Aileen Smith fizeram mais do que a simples reportagem de um caso jurídico. Relataram a história de uma pequena aldeia que tem algo de comum com todas as cidades do mundo.



MEU PAI, querendo se desfazer de uma porta velha, colocou-a na rua perto da lata de lixo, e escreveu nela: «Por favor, levem isto daqui!» Ao lado, deixou uma pequena gorjeta.

No dia seguinte de manhã, a gorjeta já tinha sido levada, mas a porta ainda estava lá, com mais uma inscrição: «Muito obrigado.»

- G. T.

ESTUDANTES de psicologia de uma universidade entrevistaram alunas de colégios mistos sobre suas ambições, e chegaram à conclusão de que o padrão atual dos desejos femininos se apresenta por esta ordem: 1. Arranjar marido. 2. Conseguir um lar onde guardá-lo. 3. Comprar carro para fugir às enfadonhas tarefas domésticas. 4. Conseguir emprego para escapar à monotonia do lar.

- I. H.

«QUAL a sua opinião, mestre, sobre o céu e o inferno?», perguntou alguém a Jean Cocteau. Este respondeu com um sorriso: «Desculpe-me se não respondo, mas é que tenho amigos em ambos esses lugares.»

- M. F. G.